

# COMO VIVENCIAR A PRECE

COMO  
VIVENCIAR  
A PRECE



“Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei e abrir-se-vos-á. Pois todo o que pede, recebe; e quem busca, acha; e ao que bate, abrir-se-lhe-á”<sup>1</sup>.



## Introdução

O afã de uma comunicação com a Divindade acompanha o ser humano desde a mais remota antiguidade. Os primeiros indícios dessa necessidade começaram a surgir após o derretimento do gelo da última Era Glacial, há algumas dezenas de milhares de anos. Como elemento causal, foi o extremo da penúria que levou o ser humano primitivo a buscar esse contato com o Eterno. A história denuncia, entretanto, que foram justamente a esperança e a fé desenvolvida por eles que os levaram a superar tamanhas dificuldades, e sobreviver ao mais terrível dos desafios já enfrentados pela humanidade.



## Se eu quiser falar com Deus ...

Para proferirmos uma prece são necessários pelo menos dois elementos: o primeiro é a vontade de fazê-lo, ainda que estimulada pela força da necessidade; o segundo elemento é a convicção, ou pelo menos a esperança, de que seremos ouvidos e atendidos.

O Benfeitor Albério diz no livro *Nos Domínios Da Mediunidade* que “a ideia é um 'ser' organizado por nosso espírito, a que o pensamento dá forma e ao qual a vontade imprime movimento e direção”<sup>2</sup>. Sem o poder da vontade, os mecanismos que proporcionam o desencadear de eventos que viabilizam essa comunicação não são disparados, e a prece perde eficácia. Kardec assegura que “a energia da corrente guarda proporção com a do pensamento e da vontade. É assim que os Espíritos ouvem a prece que lhes é dirigida, qualquer que seja o lugar onde se encontrem”<sup>3</sup>.

A certeza de que seremos ouvidos e atendidos é alicerçada por Jesus no Sermão da Montanha<sup>1</sup> e por diversos Espíritos abnegados, que nos trazem seus depoimentos. No livro *Os Mensageiros*, Aniceto diz que “não há prece sem resposta. E a oração, filha do amor, não é apenas súplica; comunhão entre o Criador e a criatura, constituindo, assim, o mais poderoso influxo magnético que conhecemos”<sup>4</sup>.



Essa afirmativa tem ressonância na mensagem do Espírito Mesmer, publicada na Revista Espírita, onde o antigo estudioso do magnetismo animal afirma que “Um outro gênero de magnetismo, muito mais poderoso ainda, é a prece que uma alma pura e desinteressada dirige a Deus.”<sup>5</sup>.

Além disso, hoje temos explicações racionais e lógicas do funcionamento dos mecanismos que sustentam a eficácia da prece. Fazendo uma analogia entre a aura espiritual e a teoria dos campos de Einstein, o Espírito André Luiz afirma que a aura “estende a própria influência que, à feição do campo proposto por Einstein, diminui com a distância do fulcro consciencial emissor, tornando-se cada vez menor, mas a espalhar-se no Universo infinito”<sup>6</sup>.

Ao proferirmos uma prece, promovemos uma ampliação de grande magnitude na nossa influência vibracional enquanto espíritos. A expansão da ação desse “campo”, que chamamos de aura, chegará certamente ao ser a quem se destina nossa prece, e chegará certamente a Deus, cujo “campo de influência” atinge o infinito. Nas palavras de Kardec, “As preces feitas a Deus escutam-nas os Espíritos incumbidos da execução de Suas vontades; as que se dirigem aos bons Espíritos são reportadas a Deus. Quando alguém ora a outros seres que não a Deus, fá-lo recorrendo a intermediários, a intercessores, porquanto nada sucede sem a vontade de Deus”<sup>7</sup>.



## ... Tenho que ficar a sós

A prece é a atitude pessoal, individual e espontânea de nos voltarmos ao Criador em súplica, louvor ou agradecimento. É o momento em que nos pomos a sós com o Ser a quem nos dirigimos, abrindo nossa consciência e nos entregando em confiança aos cuidados desse ser. Léon Denis afirma que “a prece deve ser uma expansão íntima da alma para com Deus, um colóquio solitário, uma meditação sempre útil, muitas vezes fecunda”<sup>8</sup>.

Quando realizada em conjunto, entretanto, a prece tem sua ação potencializada pela somatória das vontades individuais que a emitem, num fenômeno agigantado pela unidade dessas emissões (afinidade) e pela ressonância provocada pela expansão desses “campos” em harmonia de objetivos (sintonia).

Allan Kardec afirma em O Evangelho Segundo o Espiritismo que “prece em comum tem ação mais poderosa, quando todos os que oram se associam de coração a um mesmo pensamento e colimam o mesmo objetivo”<sup>9</sup>. No livro Os Mensageiros, o benfeitor Alfredo diz que “a prece é união à luz mais intensa no coração dos homens”. Depois narra um fato ocorrido durante a segunda Grande Guerra, em que os cristãos na Terra, em oração, criaram o que ele chamou de “abrigos anti-trevosos”<sup>10</sup>.



## ... Tenho que encontrar a paz

Lamartine Palhano Jr. em *O Livro da Prece* afirma que “vários fatores ocorrem para a emissão da prece eficaz”. O saudoso companheiro de lides espíritas acrescenta mais adiante no mesmo capítulo que “um desses fatores é a *quietude* mental, nenhum embaraço, nenhuma exigência. Acima de tudo é preciso a completa confiança na Providência Divina.”<sup>11</sup>. Sem essa assepsia mental, a prece pode ser influenciada por pensamentos refratários ou divergentes, cuja interferência pode prejudicar não apenas o alcance dessa prece, mas também a sua eficácia. Não podemos nos afastar do *seja feita a vossa vontade*.

Aconselha Palhano que “no momento da prece, não se deve partir imediatamente para a invocação da divindade”. Antes disso, “é preciso estar na melhor aparência mental, os pensamentos em ordem, [...] interesse real em querer falar com Ele”<sup>12</sup>.

Palhano aconselha também a prática da meditação como meio de melhoria da nossa capacidade de concentração. Orienta, ainda, para a necessidade de mantermos esse estado permanente de lisura mental, bem como o hábito da realização cotidiana de preces, para que estejamos sempre prontos para fazê-la. Caso contrário, no momento da necessidade de nos dedicarmos à prece, “estaremos buscando alcançar algo que nem sabemos onde está”<sup>13</sup>, diz o autor citado.



## ... Tenho que virar um cão

A premissa maior para a realização da prece é a humildade. Jesus nos orienta a não seguir o mau exemplo dos “hipócritas, que, afetadamente, oram de pé nas sinagogas e nos cantos das ruas para serem vistos pelos homens”<sup>14</sup>. Via de regra, a prece carrega sempre um viés de petição, e como todo pedido, necessita ser balizado pela mais pia humildade. O orgulho é a antítese de todo sentimento puro, e jamais pode permear as relações entre criador e criatura. O Evangelho Segundo o Espiritismo diz que “deve ela [a prece] subir humilde aos pés do Senhor, para lhe recomendar a vossa fraqueza, para lhe suplicar amparo, indulgência e misericórdia”<sup>15</sup>.

Ser humilde não se limita a simplesmente prostrar-nos genuflexos diante do Ser Superior e descermos os olhos à terra. Vai muito além das manifestações físicas: é reconhecer-nos incapazes de prosseguir sozinhos; é suplicar, mesmo diante da ausência de merecimento; é pedir com o sentimento pleno da possibilidade de não recebermos exatamente aquilo que pedimos, mas com a confiança de alcançarmos aquilo de que precisamos.

A humildade passa, ainda, pela iniciativa ensinada pelo Cristo de primeiro nos reconciliarmos com o nosso irmão (e consequentemente conosco mesmos) antes de fazermos a nossa oferta *diante do altar*<sup>16</sup>. É na concessão espontânea que antecede ao pedido que vamos estreitando a afinidade com o Ser Superior e conquistando a sintonia necessária para O alcançarmos em pensamento.



## ... Tenho que aceitar a dor

A convicção plena do atendimento a todas as preces honestamente proferidas não nos concede o direito de esperar uma resposta do Alto limitada à nossa visão míope e imediatista da vida. A ansiedade natural de Espíritos em nosso estágio evolutivo nos faz buscar por soluções que nos atenda no tempo relativizado pela nossa pressa.

Dor e sofrimento são parceiros inseparáveis e cúmplices em suas ações. Nós os vemos como sinônimos perversos de uma realidade pujante num Mundo de Expições e Provas e que ainda permanecerão ligados quando estivermos em plena era da Regeneração. Santo Agostinho (Espírito) nos ensina que “os mundos regeneradores servem de transição entre os mundos de expiação e os mundos felizes”<sup>17</sup>. Entretanto, dor e sofrimento não precisam ser tratados por nós como uma equação matemática de resultado determinístico.

Sabemos que a maior parte da dor pela qual passamos é consequência de equívocos praticados por nós em passado recente ou remoto, e que o sofrimento é consequência da dor e da nossa falta de paciência para lidar com ela. Entretanto, a relação entre eles, sempre existente, pode ser minimizada por nós pelas nossas atitudes no presente.

A aceitação da dor como mecanismo inerente ao processo de evolução e, principalmente, como alternativa eficaz de educação do espírito é premissa indispensável para se obter pleno êxito quando nos dedicamos à prece. O Espírito Clarêncio, na obra de André Luiz, afirma que “a dor é o grande e



abençoado remédio. [...] Depois do poder de Deus, é a única força capaz de alterar o rumo de nossos pensamentos, compelindo-nos a indispensáveis modificações”<sup>18</sup>.

Esperar que a Clemência Divina nos isente dos processos educativos necessários para nossa redenção como Espíritos imortais apenas pela nossa solicitação em prece, ainda que sincera e compungida, seria declarado desconhecimento da justiça do Criador e da ação de Sua bondade. Solicitar indulto pela prece, esquecendo os resgates necessários para a nossa ascensão a patamares evolutivos superiores, seria assumir ignorância mediante os imperativos inexoráveis da Lei de Causa e Efeito.

Os caminhos percorridos pelos benefícios da prece são outros: por ela, imploramos aos Espíritos amigos, ou a Deus, fortalecimento interior para transitar pelas trilhas rochosas que nós mesmo abrimos; pela prece, rogamos por resistência para enfrentar os espinheiros gerados pelas plantas nocivas que nós mesmos semeamos; pedimos sabedoria para utilizar o tempo como aliado bondoso que nos concede sempre novas oportunidades no futuro, isentando-o do estigma de ladrão do nosso presente.



## ... Tenho que calar a voz

Uma prece não é algo que se faça apenas com palavras verbalizadas sem o suporte de um coração aberto e justificado; sem o acompanhamento em uníssono de pensamentos nobres que sustentem o teor elevado das vibrações superiores. Jesus nos orientou: “quando quiserdes orar, entrai para o vosso quarto e, fechada a porta, orai a vosso Pai em secreto”.<sup>19</sup>

A prece proferida em ação positiva, em voz firme e clara, acompanhada pela emoção e isenta da afetação orgulhosa que macularia seu viés de simplicidade, deve ser utilizada quando das orações coletivas, para que todos possam acompanhar, compreender e vibrar em conjunto. Nas orações individuais, quem fala é o coração; a palavra emitida apenas em pensamento é símbolo de respeito e consideração por aqueles que estão a nosso lado.



## ... Tenho que ter mãos vazias

Talvez fosse prescindível lembrar da desnecessidade do uso de qualquer moeda de troca no exercício da oração. Nosso atavismo ancestral nos remete vez por outra ao deus de barganha, ao qual costumávamos nos dirigir. Não há nada que possamos oferecer a Deus que não seja infinitamente mais benéfico para nós mesmos.

Nossa relação com Ele deve ser de pura paternidade; paternidade simples; paternidade perfeita. Tudo o que Lhe podemos oferecer é o nosso esforço diário para crescermos moralmente, superarmos as nossas más inclinações e praticarmos a caridade em sua plenitude. E tudo isso beneficiará apenas a nós mesmos.



## ... Alegria meu coração.

A prece traz conforto. Ao concluirmos uma prece plena, atingimos um estado tal que a ideia que nos chega é a de que parte de nossas solicitações já foi atendida. A sensação de paz pode ser tamanha que nos traga a certeza do alcance do desiderato pretendido, e em algumas situações nos faz acreditar que o que alcançamos é maior do que aquilo que solicitamos.

No extremo da dor, no Getsêmane, ao pedir em oração ao Pai que passasse dele aquela hora, Jesus encontrou na oração a força de que precisava para superar a mais terrível dor que a humanidade já presenciou.<sup>20</sup>

A oração nos traz alegria. A alegria verdadeira; aquela que nos faz sentir protegidos, amparados e até socorridos. Traz-nos a sensação do infante que, em seu desequilíbrio pueril, no momento em que a queda parece iminente, ergue os bracinhos ao alto, na convicção plena de que braços fortes o segurarão e o protegerão.



## Resumindo ...

·Os dois elementos necessários para vivermos a experiência da prece são a vontade de realizá-la e a convicção, ou pelo menos a esperança, de que seremos ouvidos e atendidos. Além desses, o Espiritismo nos mostra também por quais mecanismos a prece funciona, e como proceder para potencializarmos sua eficácia.

·A prece deve ser manifestada a partir de uma vontade pessoal e espontânea, sem imposições nem estimulada por obrigações. Quando proferida pela solicitação de outrem, só terá eficiência se encontrar em nosso coração a chama da boa vontade e a alegria em proferi-la.

·As orações coletivas têm sua ação potencializada pela somatória das vontades individuais daqueles que a emitem, sobretudo quando todos os que oram estão reunidos em torno do mesmo ideal superior (afinidade) e quando os objetivos almejados estejam harmonizados, focalizados em um único objetivo (sintonia).

·A maior eficácia da prece é alcançada quando ela é antecedida por uma preparação pessoal, envolvendo equilíbrio psíquico e harmonização interior, que elevem o nosso padrão vibratório e também o daqueles que nos acompanham em pensamento. É imprescindível nos desconectarmos, ainda que momentaneamente, da carapaça densa, construída com a matéria prima dos nossos desacertos, que nos acompanha desde reencarnações remotas.

·A humildade é a companheira mais íntima da prece. Sem a genuflexão moral, sem o reconhecimento da magnitude do Criador e da dependência que temos Dele,



jamais seremos efetivos no nosso intento. Prece é pedido, é solicitação; sem a solicitude honesta de quem pede, o êxito pretendido fica mais distante.

·É indispensável a confiança incondicional no ser a quem nos dirigimos, e a certeza de obtermos pleno êxito no pedido, conscientes de que o amparo ou o socorro podem vir de forma velada, sem que percebamos imediatamente que ele chegou, sem que seus efeitos sejam imediatistas, como imediatistas e ansiosas são as nossas aspirações.

·As preces para remissão da dor devem ser acompanhadas sempre da compreensão de que, depois do amor de Deus, a dor é o mecanismo mais eficaz para romper as cadeias do nosso egoísmo e libertar a nossa compreensão para as atitudes nobres da vida. A dor é o tributo amargo que se paga pelo benefício divino da evolução.

·A humildade ensina que as preces não devem ser proferidas para a nossa auto exaltação perante os homens; devem ser dirigidas ao ser superior que queremos alcançar. Por isso mesmo, dispensam palavras verbalizadas com afetação, que param na audição limitada dos curiosos, que mais interessados estão em admirar ou criticar. Com a exceção óbvia das preces coletivas, que devem ser ouvidas e acompanhadas por todos, a prece deve ser exercida com o silêncio da boca, o clamor do pensamento e a retidão do coração.

·Jamais devemos utilizar nas preces elementos de barganha, como se os seres superiores estivessem interessados em negociatas. Também são dispensados qualquer tipo de cobrança ou lembrança do bem que porventura tenhamos feito; os seres superiores conhecem a



trajetória de vida de cada um, e sabem perfeitamente que todo bem que realizamos, serve de benefício maior para nós mesmos

· Por fim, depois de concluir a oração, o nosso sentimento deve ser de grandeza interior, de soerguimento moral, de alívio e, principalmente, de reconhecimento de que parte do que pedimos já foi concedido.

· A oração é fonte inesgotável de alegria cristã por nos aproximar dos seres de luz e por nos permitir a elevação em espírito a esferas que somente são alcançadas em definitivo quando se está vestindo a “túnica nupcial”, citada por Jesus no Festim das Bodas<sup>21</sup>. Mas também pela sensação de grandeza que nos proporciona, por propiciar-nos a utilização do mesmo mecanismo de consolação e fortalecimento de que se utilizou Jesus, mostrando que na bondade infinita do Pai, em sua plenitude de justiça, todos somos iguais.



## Bibliografia

- 1-Jesus. **Evangelho de Mateus**: cap. 7; vv. 7 e 8.
- 2-Chico Xavier; André Luiz (esp.). **Nos Domínios Da Mediunidade**: cap. 1.
- 3-Allan Kardec. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**: cap. VIII; item 10.
- 4-Chico Xavier; André Luiz (esp.). **Os Mensageiros**: cap. 25.
- 5-Allan Kardec; Sr. Albert; Mesmer (esp.). **Revista Espírita**: jan, 1864.
- 6-Chico Xavier; André Luiz (esp.). **Mecanismos da Mediunidade**: cap. 10.
- 7-Allan Kardec. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**: cap. XXVII; item 9.
- 8-Léon Denis. **Depois da Morte**: cap. 51.
- 9-Allan Kardec. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**: cap. XXVII; item 15.
- 10-Chico Xavier; André Luiz (esp.). **Os Mensageiros**: cap. 18.
- 11-Lamartine Palhano Jr. **O Livro da Prece**: p. 35.
- 12-Lamartine Palhano Jr. **O Livro da Prece**: p. 52.
- 13-Lamartine Palhano Jr. **O Livro da Prece**: p. 30.
- 14-Jesus. **Evangelho de Mateus**: cap. 5; v. 6.
- 15 Allan Kardec. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**: cap. XXVII; item 22.
- 16-Jesus. **Evangelho de Mateus**: cap. 5; vv. 23 e 24.
- 17-Allan Kardec. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**: cap. III; item 17.
- 18-Chico Xavier; André Luiz (esp.). **Entre a Terra e o Céu**: cap. 21).
- 19-Jesus. **Evangelho de Mateus**: cap. 22; v. 6.



20-Jesus. **Evangelho de Lucas:** cap. 6; v. 42.

21-Jesus. **Evangelho de Mateus:** cap. 22; vv. 1 a 13.

Subtítulos extraídos da música “Se Eu Quiser Falar com Deus” composta por Gilberto Gil em 1980 e publicada no álbum “A Gente Precisa Ver o Luar” de 1981.

*Novembro/2019*

